

## Edifício Corpo: identidade cultural

**Ana Carolina Mundim:** Graduada em Dança pela UNICAMP, Mestre em Artes pela UNICAMP, Doutoranda em Artes pela mesma Instituição, integrante do GPDT República Cênica, coordenadora do PADES (Projeto Artístico para o Desenvolvimento Social), Professora externa da PUC-Campinas - (mundim@iar.unicamp.br)

Publicado no jornal “Ô Sujeito!”, Ano 1, n.2, outubro 2004 (Edição e Produção: Elinaldo Meira, Jornalista Responsável.: Caio Albuquerque - Mtb. 30356) e site Conexão Dança.

O corpo funciona como um sistema de armazenamento de experiências e referências que, acumuladas e somadas aos hábitos e costumes dos ambientes em que vivemos, formam nossa personalidade e criam a identidade individual de cada ser. Aspectos climáticos, culturais, políticos, crenças religiosas e condições financeiras compõem parte dos fatores que definem os trajetos de cada sociedade e que, conseqüentemente, interferem no comportamento do indivíduo. A maneira particular de um corpo se expressar está, portanto, vinculado às suas vivências pessoais, mas devemos lembrar que estas não se dissociam do ambiente onde o corpo está inserido. Ao contrário, se observarmos os comportamentos de diferentes sociedades, poderemos verificar que os corpos se apresentam, em sua maioria, como reflexo das cidades que habitam.

O corpo é identidade. Na dança, ele é o veículo capaz de produzir e materializar a cena, construindo desenhos no espaço-tempo, aflorando sentidos, tornando a carne fluxo, tornando a respiração ritmo. Poder averiguar referências e características culturais, desvendando os mistérios da memória corporal é, talvez, poder aprofundar-se na essência criativa da linguagem da dança.

Quando falamos de corpo brasileiro, muitas vezes associamos imediatamente à sua imagem a questão das manifestações artísticas e/ou religiosas populares, genuinamente brasileiras, tais como: folia de reis, congadas, carimbó, bumba meu boi, etc. No entanto, no âmbito da dança, que aqui chamamos de cênica<sup>1</sup>, este corpo também cria marcas, provocando discussões em torno deste

---

<sup>1</sup> Chamamos de dança cênica aquela realizada por profissionais desta área, criada para fins de apresentação, seja em espaços convencionais (como teatros), ou espaços alternativos (como ruas, arenas, salas, saguões, monumentos históricos, etc).

universo. Um exemplo, dentre vários que poderíamos citar, se refere a um trecho do livro “Oito ou Nove Ensaios sobre o Grupo Corpo<sup>2</sup>”, que diz:

*“ ... é fácil para qualquer um ver um balé do Corpo com motivo brasileiro, música do Nazareth ou o que seja, e dizer que só brasileiros autênticos poderiam fazer aquilo. Mais difícil, e é aí que conta a inexprimível coisa, é você não saber nada sobre o Corpo, entrar num teatro em Paris por acidente e ver bailarinos no meio de um balé abstrato, malhas pretas contra um fundo cinza, com nada que indique sequer o hemisfério de origem do grupo, e mesmo assim matar: são brasileiros.”* (BOGÈA, 2001, p.19)

Depoimentos como este, de Luís Fernando Veríssimo, são recorrentes em relação a diferentes trabalhos de dança do Brasil (que vão desde companhias de grande e médio porte, até bailarinos independentes). E, portanto, instigam reflexões em torno da relação corpo-brasilidade. As questões mais comuns são: a) Se existe realmente uma identidade cultural nos corpos cênicos dançantes, qual é o viés que os aproxima?; b) Num país de tanta diversidade e contradições sócio-culturais, é possível definir uma poética brasileira na dança?; c) Por outro lado, no contexto mundial da globalização (massificada, pasteurizada), é possível determinar um diferencial que identifique corpos brasileiros em cena?

A partir da perspectiva de que o corpo do bailarino é seu principal instrumental artístico de comunicação, propomos que os processos de criação coreográfica e interpretação estão impregnados por elementos inerentes à sua cultura e utilizamos o corpo brasileiro como objeto de investigação. Edifício corpo: alicerce da alma, “emparedando” sentimentos, rebocando as vísceras, elaborando terreno fértil para movimentos vitais. Corpo-morada: construção dos sentidos, experiência do sensível, textura das artes, tecer de emoções, imagem do saber.

---

<sup>2</sup> BOGÈA, Inês (organização e apresentação). *Oito ou Nove Ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001, p. 19.